



casa  
**nobre**  
um património  
para o futuro

# ACTAS

**TOMO I**

**Memória Histórica**  
**Arquivos e Documentação familiar**

27 a 29 de novembro de 2014

**casa das artes**

arcos de valdevez



icha Técnica

Título:

**Actas do 4.º Congresso Internacional  
Casa Nobre – Um património para o futuro**

Edição:

**Município de Arcos de Valdevez**

Data:

**Novembro de 2017**

ISBN:

**978-972-9136-83-2**

## Comunicações

Conde de Barca: tendo resolvido nomear o Ministro  
que me ha de servir na Secretaria de Estado. Ao  
Conde o nomeio na dos Negocios Estrangeiros e  
da Guerra, e na Secretaria da Casa de Bragança  
Para a da Marinha nomeio Conde de Palmella:  
Providente do Erario Joao Paulo Barenta: e na  
dos Negocios do Reino o Conde dos Amos. O  
Conde faça levar a Secreta reception. Palácio  
do Rio de Janeiro — de Maio de 1817.

— Affonso — Rey

# RECOLHER MEMÓRIAS DE UMA CASA QUANDO APENAS RESTAM PAREDES: A QUINTA DA GUARITA EM S. JOÃO DE AREIAS, SANTA COMBA DÃO

ANTÓNIO BRANDÃO

Arquiteto

E-mail: antoniosbrandao@gmail.com

JOÃO LUÍS MARQUES

Faculdade de Arquitectura. Universidade do Porto

E-mail: jlmarques@arq.up.pt

[...] impressiona a dimensão dos patrimónios devastados ao longo dos tempos, quase sem se dar por isso, dando lugar a ruínas silenciosas, sem que vozes se ergam conseqüentemente em sua defesa, sem que estudos perscrutadores (ao menos esses!) se questionem sobre o que essas obras “eram”, que vida tiveram, que artistas lá trabalharam, que gente andou envolvida nessas paredes, que dramas, glórias e misérias se encerram nesses espaços devastados<sup>1</sup>.

## INTRODUÇÃO

O Solar Serpa Pimentel na Quinta da Guarita está entre os classificados de *Imóveis Notáveis* da Câmara Municipal de Santa Comba Dão, por resolução do Conselho de Ministros n.º 127, de 2002. Inserido no respetivo Plano Diretor Municipal, corre hoje sério risco de ser remetido ao esquecimento e de se tornar mais uma distante memória do passado.

Depois de um incêndio, em fevereiro de 2013, ter destruído parte significativa da zona nobre desta casa solarenga do século XVIII e sem a previsão de qualquer tipo de salvaguarda do património ainda existente, o que persiste da sua história tende a desaparecer rapidamente.

Em resposta ao apelo lançado pelas vozes que não deixam de se erguer em prol do conhecimento do nosso passado e da valorização do nosso património, e ainda em memória da família que ergueu e ali viu



Fig. 1 – Casa da Guarita (Desenho de António Brandão).

<sup>1</sup> Vítor Serrão. In SILVA, Gastão de Brito e – *Portugal em ruínas*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2014, p. 43.

contada parte significativa da sua história, este artigo visa apresentar o Solar Serpa Pimentel e a presença humana que lhe deu o carácter social, cultural e artístico que a sua história encerra.

Aguçada a vontade de escrever este artigo por um trabalho de investigação de alunos da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto<sup>2</sup> procurou-se o cruzamento com diversas fontes documentais, desde a história da arquitetura tradicional, à documentação do arquivo da família, passando pelas imagens registadas num filme de realização portuguesa na década de oitenta do século XX.

Como “estudo perscrutador” e sem a pretensão de querer explicar tudo o que ali reside, o presente trabalho procura resgatar a memória através de um olhar sobre a obra tal como ela se nos apresenta hoje. Pretende questionar-se a inevitabilidade do esquecimento potenciado pela ruína e refletir sobre a necessidade do conhecimento da história multifacetada do imóvel para aprimorar os critérios de intervenção no património – e desta forma valorizar este “Imóvel Notável” e potenciar a sua reabilitação registando o carácter de referência de desenvolvimento regional de outrora.

### CONTEXTO SOCIAL, CULTURAL E POLÍTICO: RELATOS HISTÓRICOS RELEVANTES

A Quinta da Guarita esteve dentro da mesma família pelo menos desde meados do século XVII até ao último quartel do século XX, época em que foi vendida<sup>3</sup>.

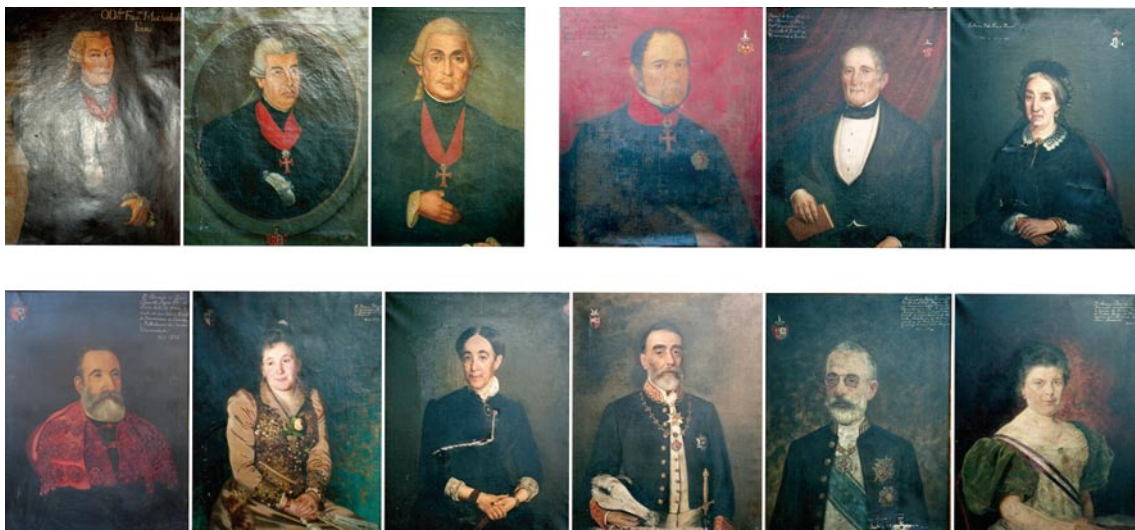


Fig. 2 – Alguns dos quadros que decoravam a sala dos retratos da Casa da Guarita (da esquerda para a direita de cima para baixo:) Francisco Fontes Machado, José Xavier Machado Monteiro, José Bernardo Alvares do Vale, Francisco de Serpa Saraiva, Manuel de Serpa Machado, D. Ana Rita Freire Pimentel, Bernardo de Serpa Pimentel, D. Maria Maximina de Mendonça Falcão e Póvoas, D. Maria José de Serpa Pimentel, Diogo Pereira Forjaz de Sampaio Pimentel, António de Serpa Pimentel, D. Anne Zoë Bernex Philipon.

<sup>2</sup> Trabalho realizado no âmbito da unidade curricular de História da Arquitetura Portuguesa intitulado “Quinta da Guarita – Santa Comba Dão”, regente da cadeira Prof.ª Doutora Marta Oliveira, assistente convidado Arq. João Luís Marques, alunos António Araújo, André Vilela, Bárbara Bernardo, Francisco Sá, Hugo Gomes e Jorge Canudas.

<sup>3</sup> BRANDÃO, Francisco M. Ponces de Serpa – *A Família Serpa Pimentel e a carreira política e académica de Manuel de Serpa Machado*. Porto: Instituto de Genealogia e Heráldica da Universidade Lusófona do Porto, 2012, p. 461.

É de cerca de 300 anos o período durante o qual se desenvolve a história da família na Casa da Guarita. Para caracterizar o ambiente vivido no contexto social, cultural e político, apresentam-se aqui alguns relatos históricos relevantes:

**1810** – Conta-se por tradição oral na família que o conhecido general Wellington (Arthur Wellesley – 1.º Duque de Wellington) terá pernoitado na Casa da Guarita antes da batalha do Buçaco em que portugueses e ingleses, liderados por aquele general, fizeram frente aos franceses liderados pelo general Massena durante a 3.ª invasão.

**1815** – Manuel de Serpa Machado torna-se coproprietário da Quinta da Guarita com o irmão Francisco de Serpa Saraiva (1.º Barão de S. João de Areias). Seis anos antes fora nomeado capitão-comandante da Artilharia do Corpo Militar Académico – que juntava professores e alunos da Universidade de Coimbra – para combater a par com os ingleses, aquando da 2.ª invasão francesa.

**1828** – A casa da Quinta da Guarita era habitada pela numerosa família, ainda que os seus dois proprietários, Manuel e Francisco estivessem dela afastados por motivos políticos.

Após tempos conturbados, com a aclamação de D. Miguel como Rei de Portugal, Manuel de Serpa é demitido do cargo de lente da Faculdade de Leis e segue com a família para a Guarita onde lhe nasce o décimo filho, Eduardo. É entretanto levado para a prisão por supostos crimes políticos. Por ordem do governo miguelista o seu irmão Francisco é também demitido do cargo de juiz agraviado no Porto e remetido à morada da sua naturalidade (Guarita). Depois de ameaçado de força não arrisca e emigra para Inglaterra<sup>4</sup>. Regressará a Portugal acompanhando D. Pedro no desembarque na praia de Pampelido (Mindelo), perto do Porto em 1832<sup>5</sup>.

**1829** – Manuel de Serpa Machado é desterrado sob vigilância policial para Castelo Rodrigo onde ficará cerca de cinco anos, até à queda do governo miguelista. Duas cartas revelam o modo como a família cuidava da quinta e jardins naquele período conturbado:

- Carta escrita em 1829, da Guarita para Castelo Rodrigo, por Maria Bárbara de Serpa Pimentel, então com 13 anos de idade, a seu pai Manuel de Serpa Machado.

[...] Lembro-me das recomendações e do gosto e interesse que V.<sup>sa</sup> mostrava no arranjo do jardim, e conservação das flores, e por isso eu me não descuidei da sua cultura e apesar do rigor da estação produzirão bem. Mando a V.<sup>sa</sup> uma amostra delas e são quantas podem caber no curto espaço de uma carta[...]<sup>6</sup>.

- Carta de Maria Bárbara de Serpa Pimentel a seu pai Manuel de Serpa Machado, para Castelo Rodrigo, s/d.

[...] Eu e os Manos bem estimamos ficar este anno por aqui [Guarita] apesar da estação ser mais regoroza que em Coimbra. Em quanto ao que meu Pai me pede relação tenho a dizer lhe que o jardim da entrada tem algum buxo seco mas pouco e terei o cuidado de mandar plantar lhe mais. Minha Avó quer enterrar lhe nos quarteirões algumas seboas a fim de o embelezar. Tem em aquella parede que deve servir de costas da cozinha que meu Pai tenciona mandar fazer limonete espirradeira huma romanzeira de flor e huma rozeira que na Prima vera faz hum bonito composto. Em a parede que devida os pateos estão jasmineiros martirios rozeiras e tudo já bem crescido. A

<sup>4</sup> Cf. *Ibidem*, p. 73.

<sup>5</sup> Cf. *Ibidem*, pp. 78-79.

<sup>6</sup> *Ibidem*, p. 74-75

rua do castenheiro esta reduzida a hum carreiro. O pumar de massieiras esta pouco crescido e não da ainda fruto e o pumar das laranjas ja tem bastantes. A cozinha ja esta bem pouco [fumenta ?]

Os nossos Padres Manoel e Bernardo e o Dr. Amaral andavão cavando hum d'estes dias o jardim da entrada pelo que dizem ficarão muidos. Anninha Antoninho e Eduardo lhe andarão varrendo as ruas e minha Avó lhe enterou algumas flores e tenciona mandar vir de Coimbra toda a que la tem e diz que não quer que V.<sup>sa</sup> o ache dezarranjado<sup>7</sup>.

**1853** – Alexandre Herculano escreve nos seus “apontamentos de viagem”.

Agosto 1 – saída pela manhã do Buçaco para Viseu. A nova estrada excelente termina a pouca distância. Territórios agrestes, montuosos e desertos até perto da Mortágua. Almoço na Gandra ao lado de Mortágua. Bem cultivados os arredores. Seguimos para a Guarita. A estrada nada oferece notável senão duas pontes de boa construção de cantaria sobre dois afluentes do dão. Chegada a Santa Comba Dão, onde passamos as horas de calor até às três e meia. Chegada à Guarita à tardinha. A família Serpa: o meu antigo coronel. Encontro do João Mendes. Onde datava essa amizade. Oferece a sua casa em Viseu, e induz-nos a partir de noite<sup>8</sup>.

**1901** – Uma notícia no jornal *Beira Alta* relata um sarau na “Villa da Guarita”, quando era administrada por Manuel de Serpa Pimentel, 2.º Barão de S. João de Areias.

Em casa dos srs. Barões, de S. João d'Areias, na sua Villa da Guarita, está hospedado o sr. Affonso Maldonado, estudante do 5.º anno de Medicina, na Escola Medico Cirurgica, de Lisboa. Além de ser um distincto estudante de Medicina, o sr. Maldonado, é um magnífico violinista. Tivemos ocasião de admirar, n'uma d'estas noites, o bello artista, que, em improvisado concerto, de pé para a mão, tem ensejo de nos revelar os seus altos dotes de artista. D'esta opinião, também o sr. Barão de S. João d'Areias, artista consumado, que ha muito vem fazendo as delicias de quantos têm a felicidade de o ouvir, ao piano, especialmente.

Á ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Laura Serpa, espirito altamente culto, coube, e muito bem merecida, uma grande parte da glória da festa. É também uma distincta violinista. [...] <sup>9</sup>.

**1950** – Os proprietários da quinta organizam um rancho folclórico com os habitantes da aldeia da Guarita para a angariação de fundos para a construção do Hospital de Santa Comba Dão<sup>10</sup>.

## A QUINTA DA GUARITA

### Localização

Localizada na Beira Alta, no distrito de Viseu, num território entre os rios Dão e Mondego, a Quinta da Guarita mostra ainda hoje uma escala que se destaca na freguesia de S. João de Areias.

A casa localiza-se no ponto de maior cota (a norte) de um terreno todo ele com uma leve pendente voltada a sul.

---

<sup>7</sup> *Ibidem*, p. 76

<sup>8</sup> HERCULANO, Alexandre – *Cenas de um ano da minha vida: Apontamentos de viagem [1853-1854]*. In *Alexandre Herculano, Obras completas*. Amadora: Bertrand, 1973, pp. 156-157.

<sup>9</sup> *Beira Alta* (3.05.1901).

<sup>10</sup> *Cf. Ibidem*, p. 470.





Fig. 3 – Vista da Quinta da Guarita.

## CARACTERIZAÇÃO

Os registos mais antigos de que se tem conhecimento mostram que, em 1663, Maria da Guerra e Alexandre de Sequeira (então proprietários de terrenos no pequeno povoado da Guarita) adquirem, através de escritura pública, diversas terras que confinavam com as que possuíam.

Sabe-se também que os limites da propriedade da Quinta da Guarita foram sendo sucessivamente aumentados, perfazendo até à primeira metade do século XX cerca de 60 hectares, 30 dos quais noutras zonas da região.

Para um melhor entendimento da Quinta da Guarita, que hoje se apresenta a servir-se apenas das dependências agrícolas para os fins próprios, enquanto assiste à progressiva ruína do imóvel que a caracteriza, procuremos começar por olhar para um passado recente quando era verdadeiramente uma referência de desenvolvimento regional.

Sabe-se pelos registos da família que, durante a 1.ª metade do século XX, a Quinta tinha uma produção que permitia ser autossustentável – com o impacto natural de postos de trabalho que criava na região. Produzia em quantidade vinho e azeite, cevada, centeio, aveia, milho e trigo. Durante este período, chegou mesmo a receber de um organismo oficial um prémio de maior produtor de trigo da Beira Alta.

Salienta-se ainda a existência de cavalos, bois, porcos e ovelhas e a produção de queijo. Tinha também a funcionar uma carpintaria em instalações próprias.

A exploração agrícola que permitia o sustento e crescimento da quinta, acabou por ser também responsável por um caminho progressivo de descaracterização arquitetónica e paisagística da mesma, apagando as carreiras de buxo de grandes dimensões e os espaços de jardins e lazer que já não se



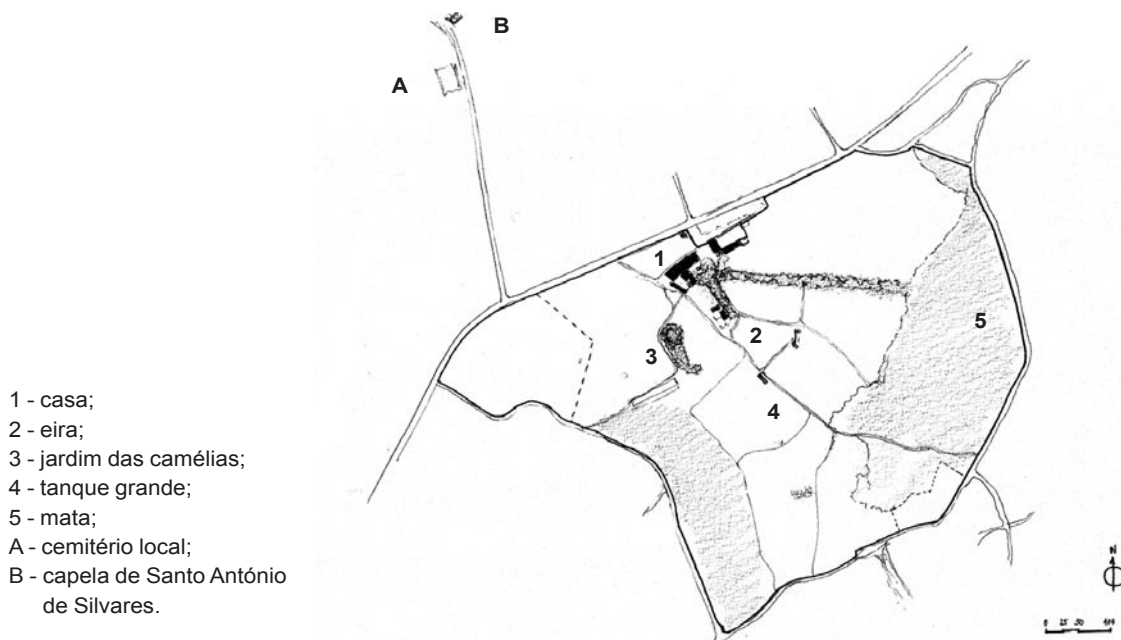
Fig. 4 – Trabalhos agrícolas na Quinta da Guarita em 1930 – Lagar, Campo, Eira.



adivinham no local, atropelados por plantações em barda. Esta descaracterização advém, ora das dificuldades sentidas no sistema da agricultura – nem sempre sustentável – ora da falta de conhecimento das qualidades destes elementos naturais, representativos de toda uma época.



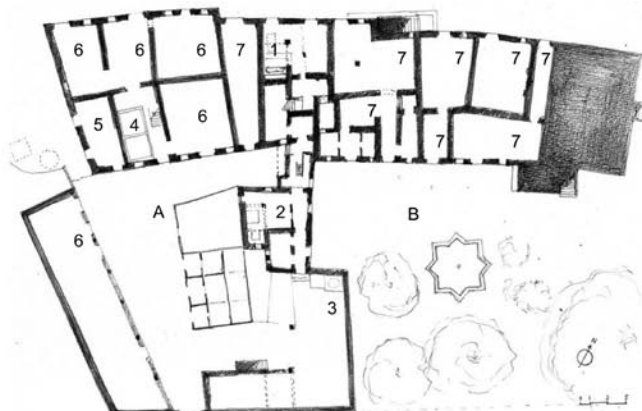
Fig. 5 – A Quinta da Guarita entre os rios Dão e Mondego (Google Earth).



ig. 6 – Quinta da Guarita:

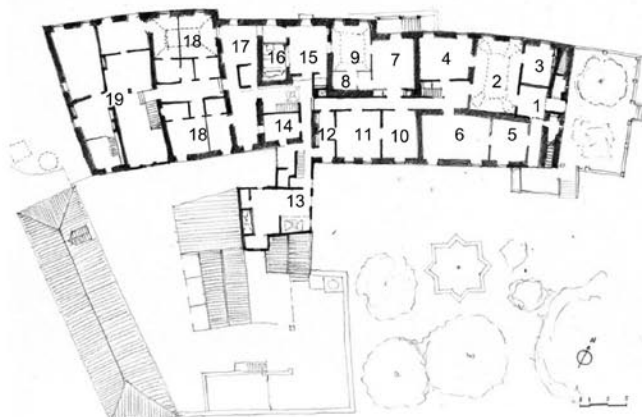
**Planta do andar térreo**

- 1 - capela
- 2 - cozinha velha
- 3 - fornos
- 4 - lagar
- 5 - alambique
- 6 - dependências agrícolas
- 7 - arrecadação
- A - pátio ou quinteiro
- B - jardim



**Planta do andar nobre**

- 1 - átrio
- 2 - sala dos retratos
- 3 - quarto "Wellington"
- 4 - sala de música
- 5 - cozinha
- 6 - sala de estar
- 7 - sala da esteira
- 8 - i.s.
- 9 - quarto
- 10 - sala de visitas
- 11 - sala de jantar
- 12 - copa
- 13 - cozinha
- 14 - serviços
- 15 - sala da capela
- 16 - capela
- 17 - sala do padre
- 18 - quarto (antiga sala)
- 19 - dependências da adega



**Planta do andar superior**

- 1 - quarto
- 2 - i.s.
- 3 - arrecadação
- 4 - átrio
- 5 - arrecadação sobre forro

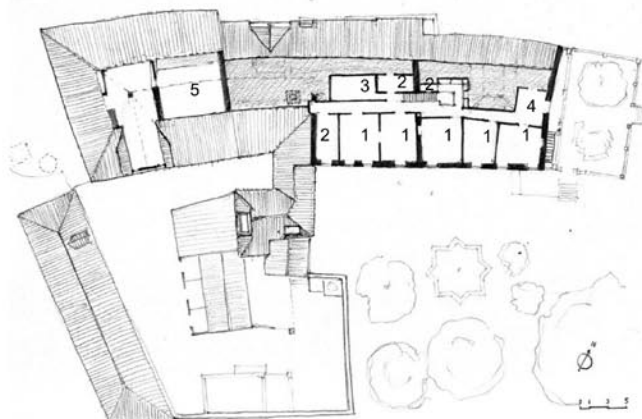


Fig. 7– Casa da Guarita – Reconstituição.

## A CASA DA QUINTA DA GUARITA: ANÁLISE ARQUITETÓNICA

Aqui o espaço é tudo, pois o tempo já não anima a memória<sup>11</sup>.

### Do vernacular ao erudito

A partir da leitura do edificado, no seu estado atual, é possível identificar diferentes extratos e momentos de construção, alteração e ampliação da Casa da Quinta da Guarita. A ruína, ironicamente, possibilita uma leitura que revela a diversidade de sistemas construtivos. A casa resulta de sucessivas obras e melhoramentos ao longo dos anos. Tal como noutros casos, a extensão e caracterização da fachada principal voltada para a rua, juntamente com o tratamento dos jardins e zonas de lazer que pontuam a quinta, revelam a presença de uma nobreza rural que ali existiu.

A documentação da família permitiu identificar os proprietários e administradores da quinta e recolher informações pontuais relativas a um ou outro momento da sua construção. O cruzamento destas informações com o estudo da arquitetura e história, permite-nos apontar com alguma segurança os traços gerais de evolução desta casa.

Por detrás da longa fachada com capela, está um núcleo fundamental ao bom funcionamento da quinta. Algumas das características de uma arquitetura vernacular beirã são possíveis de identificar naquele conjunto organizado em torno de um pátio, “quinteiro” ou “zagão”, murado exteriormente.

Um portal simples de verga reta em granito (situado no extremo sul, oposto à casa<sup>12</sup>) abre o pátio à quinta, ganhando este – pelas suas características – uma importância que não aparece no portão a norte, voltado para o caminho.

Encostada ao muro exterior a sul, é possível identificar uma construção que serviu de habitação, com piso térreo e sobrado, com escada exterior em pedra e pequenos vãos. A sua relação com o interior do “quinteiro” deixa antever a utilização de tabiques ou até apenas madeira ao nível do andar sobradado.

Em corpo térreo anexo imediatamente a sul da Casa, a nascente do pátio, a cozinha (ainda que reconstruída nos finais do século XVIII) apresenta características tradicionais como pavimento em lajeado de pedra e uma lareira elevada do chão na espessura da laje sob uma pesada saia de chaminé com lintéis de granito, suportados num dos lados por uma robusta coluna de secção quadrangular e arestas biseladas. À esquerda da lareira um recanto sob uma janela aberta a sul apresenta um banco corrido. É possível que a cozinha tivesse apenas uma cobertura em telha vã, sem uma chaminé construída, seguindo um modelo identificado nos estudos da arquitetura tradicional. No exterior estão localizados dois fornos, num espaço inicialmente coberto, a sul da cozinha.

A construção destinada a cortes de animais limita este pátio a Poente. O grande coberto, que em tempos cobria um lagar, é pontuado por pesados pilares de granito de secção quadrangular. Apesar das alterações sofridas é possível encontrar nestas características as bases da construção tradicional destas dependências. Aliás, ainda se encontra na quinta uma construção junto à eira, com paredes de pedra e com encerramento superior em madeira.

<sup>11</sup> BACHELARD, Gaston – *A Poética do Espaço*. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1989, p. 28.

<sup>12</sup> Cf. OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando – *Arquitectura tradicional portuguesa (Portugal de perto; 24)*. Lisboa: D. Quixote, 1992, p. 39.





Fig. 8 – Quinteiro; cozinha velha.

### A habitação



Fig. 9 – Fachada e pormenores interiores da habitação do núcleo primitivo.

Dadas as características da arquitetura regional e tradicional, parece acertado pensar que a área da casa a poente da capela tenha sido a habitação principal – senão única – de um núcleo primitivo. Contudo, mesmo aqui é possível identificar diferentes momentos de construção, alteração e ampliação.

Um destes momentos caracteriza-se pela construção de planta regular, de piso térreo e andar sobradado e alvenarias de granito com molduras de cantaria nos vãos do lado do caminho. Os vãos dispostos segundo a mesma regra nas fachadas norte e sul – uma porta ladeada por dois janelos no piso térreo e duas janelas que se lhes sobrepõem no piso sobradado – diferenciam-se por um tratamento exterior cuidado nos voltados para o caminho, com molduras de cantaria e vergas em arco na porta e janelas. No interior, as janelas voltadas para o quinteiro a sul, apresentam vergas retas e as tradicionais namoradeiras. Ainda nesta zona da casa são reconhecíveis dois vãos que foram encerrados: uma janela com namoradeiras, no interior de uma das alcovas, e uma porta com moldura de cantaria e verga em arco, na sala a poente que, pela sua caracterização, julgamos ter sido porta de entrada exterior.

Caso assim fosse e seguindo um modelo tradicional, tantas vezes repetido, o acesso ao piso sobradado poderia ser realizado por uma escada exterior em pedra, hoje inexistente.

Ao nível da compartimentação interior é possível identificar uma organização tradicional: uma sala – atualmente dividida – com um teto de masseira e frescos nas paredes<sup>13</sup>, e duas pequenas alcovas interiores que abrem diretamente para a sala.

Um corredor interior no meio da casa<sup>14</sup> funciona como um eixo de simetria que replica os espaços de sala e alcovas, no lado sul. Contudo, abre-se a hipótese deste espaço central ter tido outras configurações e usos, uma vez que não era habitual abrir janelas para as alcovas.

É também característica assinalável a utilização do vão do telhado – sobre o forro dos quartos – como arrecadação diversa<sup>15</sup>. Hoje o acesso a este espaço é feito pelo compartimento imediatamente a poente.

A poente desta construção, uma outra apresenta janelas semelhantes de verga em arco, apesar de não terem molduras em cantaria. Ao nível do piso térreo apresenta, na fachada norte, dois janelos centrais ladeados por duas grandes portas de falsa verga em arco – acusando o lintel à altura de um sobrado pré-existente de altura inferior à atual.



Fig. 10 – Fachada e pormenores interiores da zona da adega  
(Crédito da imagem da esquerda: Manuel Ferros, 2012 [<URL: [www.solaresebrasoes.com](http://www.solaresebrasoes.com)>]).

Pelo interior, a subida de todo o piso desta zona da casa é evidente, provavelmente justificada pela necessidade de instalação dos lagares, da adega e do alambique. Na fachada sul são identificáveis – no espaço de encosto com a construção a nascente – prumos de granito<sup>16</sup>, sugerindo que ali tenha existido uma cobertura alpendrada integrada no perímetro da edificação<sup>17</sup>, adivinhando-se a continuidade do beirado em toda a sua extensão. A poente deste alpendre localizar-se-ia uma cozinha, a julgar pela existência das tradicionais “pilheiras” inseridas nas paredes de pedra. No restante piso verifica-se que houve alterações de compartimentação, sem ser possível aqui encontrar uma característica de especial relevo.

<sup>13</sup> Cf. *Ibidem*, p. 40.

<sup>14</sup> Cf. *Ibidem*, p. 148.

<sup>15</sup> Cf. *Ibidem*.

<sup>16</sup> “prumos que se valorizam esteticamente, biselando-lhes as arestas verticais, deixando apenas a secção quadrada inicial formar como que umas bases e um capitéis” – Associação dos Arquitectos Portugueses – *Arquitectura popular em Portugal*. Lisboa: AAP, 1980, p. 319.

<sup>17</sup> Cf. *Ibidem*, p. 289-291.

É notória a alteração e descaracterização desta área. A introdução do lagar, com exigência de maior pé-direito no piso superior, levou à construção da cobertura de duas águas perpendicular à fachada voltada para o pátio. As uvas eram içadas para a janela do piso superior, onde era feito o desengace lançando-as para os lagares no piso inferior, conforme recordam os familiares.

A qualidade das construções, a dimensão e a organização deste conjunto de natureza tradicional, são já indicadores de uma quinta próspera.

## O SÉCULO XVIII E A AMPLIAÇÃO DA CASA



Fig. 11 – Fachada norte – alpendre e capela.

Entre 1731 e 1777 foram administradoras da Quinta as irmãs Rosa Maria e Bernarda Jacinta Saraiva, responsáveis pela construção da Capela. Em fevereiro de 1746, numa petição ao bispo de Viseu, declararam o desejo de construir “uma capela anexa às suas casas e com porta para a via pública”<sup>18</sup>, por ser de “grande utilidade para todos os fiéis”, uma vez que se situava junto a uma estrada muito frequentada e, também por serem de idade avançada e terem dificuldade em se deslocar à capela mais próxima ou à igreja matriz.

Uma vez obtida a permissão de construção e o respetivo vínculo, recebe a indispensável bênção para a celebração de missa a 8 de novembro de 1746. A petição inicial em favor da capela referia o desejo de a construir “anexa às suas casas”, termo comum quando se referia uma casa e suas dependências.

Ainda que perfeitamente integrada no alçado, no seu desenvolvimento em planta apresenta uma estrutura construtiva independente da restante casa, seja a poente, seja a nascente. Levanta-se pois a questão se existiria uma outra construção a nascente da capela, não sendo possível determinar com o estudo que se apresenta.

<sup>18</sup> BRANDÃO, Francisco M. Ponces de Serpa – *A Família Serpa Pimentel*, p. 466.



A construção da capela e da zona da casa que a envolve até ao alpendre, parecem ser contemporâneas, dada a unidade e coerência do tratamento do alçado, Contudo o interior sofreu profundas remodelações. Desta forma a casa terá sido dotada de uma nova entrada, enobrecida pelo alpendre na continuidade do longo desenvolvimento da fachada.



Fig. 12 – Alpendre.

O alpendre, composto por guarda de grandes silhares de cantaria trabalhada e colunas de ordem toscana assentes em plintos sobre pedestal, e duas mísulas com a representação de cabeças humanas, remete-nos a uma época anterior de construção. Levanta-se aqui a questão do alpendre ser original de uma construção preexistente ou ter sido relocado aquando dos trabalhos de construção da capela.

A porta de entrada do alpendre voltado a norte, apresenta uma moldura de cantaria de verga em arco, à semelhança das que encontrámos na primeira construção de habitação descrita, afastando-se do modelo das janelas que lhe precedem na continuidade do alçado para poente, apresentando-se estas moldura de argamassas de verga reta.

### A Capela

Apresenta-se integrada na fachada norte da casa, apenas quebrando a linha do beirado com a sua frontaria rematada superiormente por uma cruz de granito a eixo. O seu alçado, aparentemente de tramo único<sup>19</sup>, apresenta porta centrada ricamente almofadada, com moldura de cantaria e verga reta encimada por janela também de verga reta, mas com moldura de argamassa.

<sup>19</sup> “[...] definido por duas pilastras de argamassa rematados superiormente por pináculos constituídos por base quadrangular, pirâmide quadrada tipo ponta de seta e bola de granito”. NEVES, António Nunes C. in *Beira Alta*. Viseu: Assembleia Distrital de Viseu. LVIII (3-4), 1999, p. 388.



No interior, o altar foi integrado e enriquecido num retábulo de finais do século XVIII, encontrando-se em frente da porta de entrada num espaço de pé-direito duplo com teto de madeira em abóbada de volta inteira, ricamente decorado – “nove cartelas pintadas com símbolos religiosos e rodeadas por grinaldas e ramagens de flores de diversos tipos”<sup>20</sup>, sobre fundo azul celeste.

No piso superior, sobre este espaço sustentado por uma robusta, mas cuidada coluna de arestas biseladas, abrem-se; um coro sobre a entrada com teto plano de madeira ricamente pintado (apresentando ramagens de flores por entre as quais esvoaçam aves) e uma tribuna, a partir da qual os donos da casa assistiam às celebrações. Sob o espaço da tribuna prolonga-se o piso da capela, dando maior amplitude ao mesmo.

Entre os nove familiares ali sepultados estão: Rosa Maria Saraiva (uma das irmãs que mandou erigir capela) e Francisco de Serpa Saraiva – 1.º Barão de S. João de Areias – este em 1850, numa altura em que já não era frequente o enterramento em capelas privadas. Frente à porta de entrada, a sua sepultura térrea está assinalada por uma lápide brasonada delicadamente esculpida com um fino trabalho de inscrição em sua memória

É pois urgente o apelo à salvaguarda deste património, num momento em que o estado de ruína que assola a zona nobre da casa ainda não atingiu o corpo principal da capela.

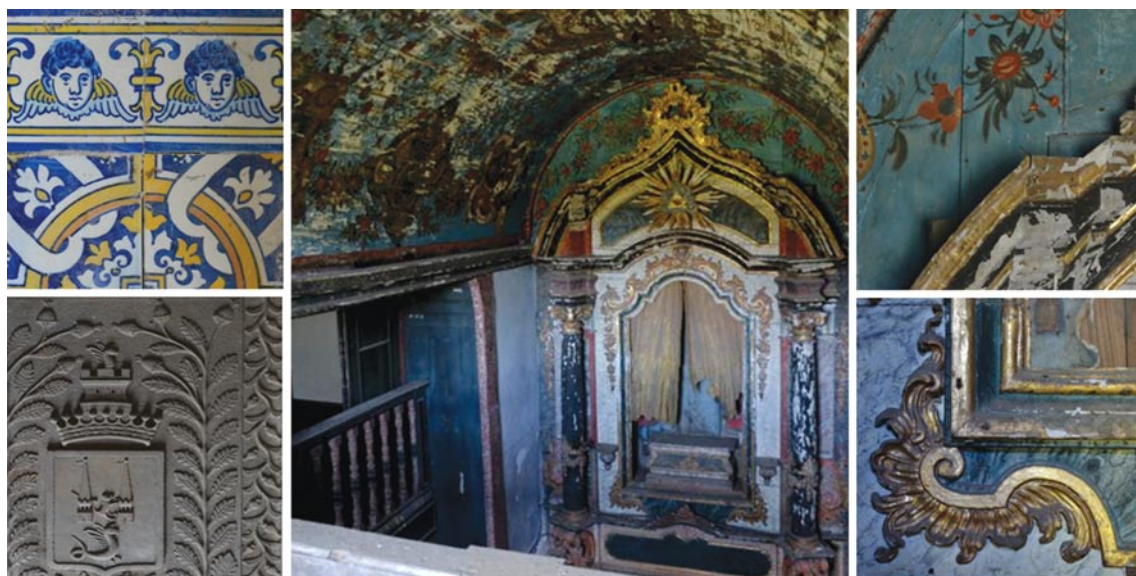


Fig. 13 – Pormenores interiores da capela – lambrim de azulejo; lápide brasonada; retábulo e seus pormenores decorativos.

<sup>20</sup> *Ibidem*, p. 391.

## A CASA NO FINAL DO SÉCULO XVIII

A partir de 1780 é proprietário e administrador Bernardo de Serpa Saraiva Castelo Branco – bacharel formado em Cânones pela Universidade de Coimbra – que ocupou o cargo de juiz ordinário e das sisas do então concelho de São João de Areias<sup>21</sup>. A Quinta da Guarita mantinha uma produção agrícola que, com provas dadas, tornava-a não só sustentável, como uma fonte de rendimentos. Consideramos ter início aqui um tempo favorável ao desenvolvimento da Guarita, não só no campo da produção agrícola como também da cultura e política, assistindo-se a sucessivos proprietários, até meados do século XX, com formação académica e que ocupam cargos de relevância pública no campo da jurisprudência e da política.

Sabemos, por documento de *Convenção sobre Partilhas que fizeram os filhos de Bernardo de Serpa Saraiva Castelo-Branco*<sup>22</sup> em 1815, que Francisco de Serpa Saraiva e seu irmão Manuel de Serpa Machado recebem e repartem a “Quinta e Cazas da Guaritta” numa descrição que delimita o que cabe a cada um no que respeita à quinta e às casas.

Este documento permite um melhor entendimento do que estaria construído à data, bem como o que se propunham construir:

[...] ficará o mesmo nosso irmão [...] Manoel de Serpa com a salla chamada dos Reis com os quartos adjacentes, e [...] correspondentes na nova caza, e lages de huma e outra parte porem o andar debaixo da caza nova ficará quanto a livraria e quarto imediato interinamente a nosso irmão Francisco com a obrigação de ceder delles ao Manoel nas futuras partilhas por falecimento da May indemnizando-se então nas cazas debaixo que ella habita, e o mesmo meu irmão Manoel terá a servidão da porta e escada de cima para o pateo [...] athe fazer [...] outra entrada pelo pateo dos [...] para a sua caza [...]<sup>23</sup>.



Fig. 14 – Vistas do corpo nascente da casa – fotografia de arquivo e estado anterior ao incêndio.

<sup>21</sup> Cf. BRANDÃO, Francisco M. Ponces de Serpa – *A Família Serpa Pimentel*, p. 140-141.

<sup>22</sup> Documento do arquivo pessoal de Francisco M. Ponces de Serpa Brandão.

<sup>23</sup> *Ibidem*.

Embora não seja hoje possível determinar qual seria a “chamada sala dos reis”, é muito interessante a alusão feita à escada e ao pátio, bem como ao fator temporal “até fazer outra entrada para a sua casa”, pois ajuda a perceber a existência de alguns elementos ali presentes.

Um outro documento referente a esta mesma partilha revela que a “cozinha grande e espaçosa com suas despensas e lojas repartidas [foi] feita em tempo de nosso pay [Bernardo de Serpa Saraiva Castelo Branco]”.

Através destas descrições podemos afirmar que a casa teria no final do século XVIII uma configuração próxima da que assistimos hoje, atingindo o seu último estágio de construção assinalável provavelmente no 2.º quartel do século XIX, após as referidas partilhas.

## DA CASA AO JARDIM, SÉCULO XIX

Com base na caracterização da casa nobre exposta por Carlos de Azevedo no seu livro *Solares portugueses*, e comparando com outros exemplos da região, é possível identificar influência do gosto barroco na casa que então se ia (re)construindo na Quinta da Guarita, no século XIX. Testemunham a ampliação desta fase, um conjunto de janelas do andar nobre, com verga em arco e dimensões consideravelmente maiores do que as existentes a poente do alpendre. Interessante é o facto de não existir uma correspondência direta das janelas deste piso com os vãos do piso térreo – muito embora seja mais fácil observar nestes uma cadência regular da sua localização, algo que não acontece no piso superior. Não sendo possível determinar, por agora, o porquê desta discrepância, não colocamos de parte a hipótese de uma preexistência que tenha precedido o novo volume construído.

Esta discrepância no alinhamento de vãos entre os pisos superiores e o piso térreo existe também no alçado sul, voltado para o interior do terreno, sobre o jardim. Neste lado deparamo-nos com mais um piso do que no lado voltado para o caminho público, observando-se uma cadência de vãos nos pisos superiores que, embora não seja constante, acentua a leitura de uma longa fachada. No alçado norte, a leitura horizontal da fachada é conseguida pelo tratamento unitário que agrega os diferentes corpos que a compõem.

Pela descrição das referidas partilhas de 1815, será certo o entendimento de que Manuel de Serpa Machado ficaria com parte da casa localizada a nascente dividida pela “parede mestra à esquerda da entrada [alpendre]”<sup>24</sup>, e que, não existindo um acesso independente pelo exterior, este lhe seria dado em servidão “até fazer nova entrada para sua casa”. É possível portanto que a entrada a nascente apareça como resposta a esta necessidade.

Com a ampliação, a casa ganha uma renovada entrada: um balcão com guarda corrida<sup>25</sup> sobre a porta central de verga em arco, ladeada por dois óculos. Esta entrada, era precedida por um patamar sobrelevado assente sobre uma enorme laje. Aí foi plantado um jardim de buxo e duas cameleiras. O acesso a este pequeno jardim era feito por uma escada colocada a eixo da entrada da casa. Em frente foi construída a cocheira (construção em pedra à vista, de um único piso de dimensões generosas, com porta central e janelas laterais, vãos de verga em arco e moldura de cantaria) que assume aqui uma relação direta e frontal com a renovada fachada da casa. Esta composição procurou criar um cenário de aparato para a nova entrada da quinta.

<sup>24</sup> *Ibidem*.

<sup>25</sup> Através de relatos dos familiares que ali passaram uma parte significativa das suas vidas, sabemos que durante muitos anos – em meados do século XX – esta fachada contava com duas janelas falsas pintadas – trompe l’œil – ladeando a porta de verga em arco e moldura de cantaria, enfatizando a sua importância e imponência.





Fig. 15 – Vista da propriedade desde o balcão da fachada nascente.

Em suma, o que hoje se nos apresenta aparentemente ambíguo – uma casa com duas entradas principais (pelo alpendre a norte, pelo jardim a nascente), encontra nestas partilhas a sua justificação.

Para além do patamar de entrada descrito identificámos um outro de menor dimensão voltado a sul. Apresentando sinais visíveis de diferentes momentos de construção, é possível diferenciar as suas características: um pelo seu carácter mais público de acesso à casa, outro mais privado proporcionando o prolongamento da vida da casa ao exterior, como documentam as fotografias existentes no arquivo da família. Trata-se de um pequeno patamar, ao jeito de sala de estar exterior aberta sobre o jardim, caracterizado pela diversidade de espécies arbóreas organizadas em torno de um pequeno lago – com chafariz em forma de estrela de oito pontas.



Fig. 16 – Fachada sul coberta de vinha virgem e registos da vivência do patamar voltado para o jardim-arquivo.

Neste pequeno jardim, criado no fim do século XIX, possivelmente a par da ampliação da casa, a natureza funde-se com a vida desta – ouça-se a água corrente, veja-se a espessa camada de vinha virgem que cobria a totalidade da fachada sul.

### O jardim

É ainda hoje bem perceptível a importância dada aos espaços exteriores por parte dos sucessivos proprietários da Quinta da Guarita, dominados por um certo gosto barroco: pela existência das árvores de grande porte e espécies variadas no espaço próximo da casa, pelas ruas de buxo (autênticos e extensos túneis de natureza) e pela existência de poços, fontes e tanques associados a zonas de estar e lazer que pontuam a quinta de exploração agrícola.



Fig. 17 – Carreira de buxo em direção à mata; vivência dos espaços da eira, fonte velha e fonte da bica – arquivo.

As ruas de buxo, das quais há registos fotográficos ainda antes de encerrarem um percurso coberto, proporcionavam um alcance visual sem fim. Hoje apenas se mantêm duas dessas ruas de buxo que, sem manutenção, crescem desordenadamente. Existiriam ainda outras duas que, cruzando as primeiras, faziam a ligação: da eira para poente, ao encontro de um jardim encerrado de cameleiras; da eira para nascente, intercetando a longa rua de buxo que segue da casa para a mata – arvoredo denso a nascente do terreno.

Situada junto ao jardim das camélias que se apresenta circunscrito num espaço hexagonal alongado delimitado por um baixo muro de granito (com dois pontos de acesso nos topos) existe ainda uma fonte velha em forma circular, de construção em alvenaria de granito com escadas de acesso ao seu interior. Em meados do século XX esta fonte encontrava-se no remate de uma das ruas de buxo hoje inexistentes.

Deste jardim partia novo caminho para sul, percurso ladeado por uma linha de marmeleiros levando a um outro jardim – também hoje inexistente – junto a um pombal entretanto demolido. O caminho seguia depois para nascente até ao centro do terreno onde ainda se encontra o grande tanque.

A eira, local sempre essencial numa quinta, encontra-se ainda hoje no final de uma rua de buxo que parte desde a casa em direção ao centro do terreno. Partindo daqui para nascente, é possível encontrar uma bica entre um conjunto de muros em granito que lhe dão forma e que apontam um tratamento que em tempos originou espaços de jardim de lazer.

Daqui a água seguia um caminho delimitado até a um grande tanque de lavagem de roupa no centro do terreno. É de salientar que estes pontos de água que se encontram pelo terreno são utilizados também para as necessidades de rega que os campos agrícolas exigem.

Encontramos na Quinta da Guarita o modelo ordenado de jardim/quinta característico da Beira Alta, mais concretamente na região da bacia hidrográfica do rio Dão.

A primeira característica comum a todas estas quintas é a irradiação a partir da casa, de carreiras bordejadas de buxo que penetram para o interior da quinta, estabelecendo frequentemente no seu seio uma verdadeira rede de compartimentação [...].

Outra característica notável destas quintas é que o jardim, quando existe, só por acaso se situará encostado à casa, pois como regra, localiza-se junto de uma fonte, tanque ou poço, isolado algures no seio da quinta, e ligado à casa por uma das tais carreiras de buxo mais ou menos longa [...].

Estes jardins são pequenos sítios de estar, ordenados em torno de uma fonte ou poço, rodeados por altas sebes de buxo, loureiro, verdengório ou azereiro, e ensombradas por camélias e outros arbustos e árvores ornamentais. No seu interior, alguns canteiros plantados com arbustos e plantas herbáceas vivazes floríferas, dão adequado enquadramento a alguns bancos de pedra dispostos nos sítios mais agradáveis [...] <sup>26</sup>.

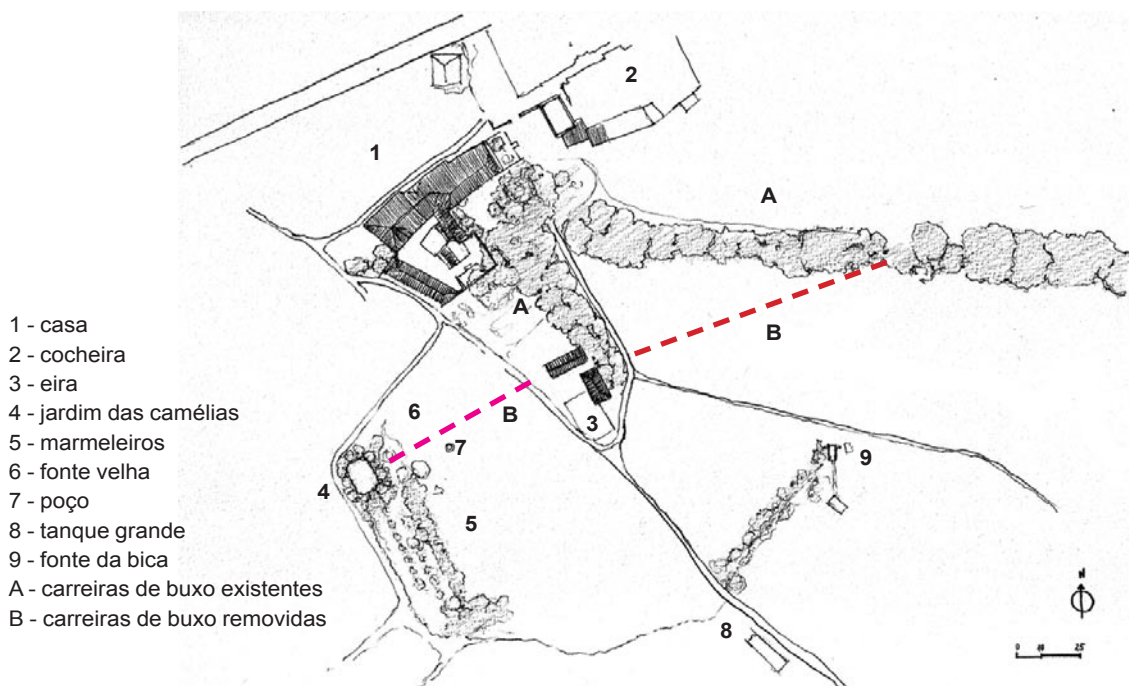


Fig. 18

<sup>26</sup> ARAÚJO, Ilídio de – *Arte Paisagista e arte dos jardins em Portugal*. Lisboa: Ministério das Obras Públicas, Direcção Geral dos Serviços de urbanização, Centro de Estudos e Urbanismo, 1962, pp. 217-220.



## Os interiores

Ao nível dos interiores apresentam-se os compartimentos dignos de registo pelas suas características: a sala dos retratos, o quarto do general, a sala de música, a sala da esteira e a sala de jantar, para além dos quartos.

Um átrio de dimensões desafogadas antecedia a chamada “sala dos retratos”, autêntica sala de receção: espaço regular abrindo duas janelas sobre o caminho, com quatro portas frente a frente, duas a duas, e teto de masseira em madeira com caixotões. A sala tinha este nome pela quantidade de retratos a óleo que ali se encontravam, inclusive nos caixotões do teto



Fig. 19 – Sala dos retratos – estado atual.

O “quarto do general” tem esta designação por se acreditar ter sido naquele quarto que pernitou o general Wellesley antes da batalha do Buçaco. Com entrada pela sala dos retratos e uma janela a abrir sobre o caminho, tem um armário embutido com porta que segue o mesmo desenho da porta do quarto e um teto plano com um trabalho de madeira assinalável.

A “sala de música”, com entrada também pela sala dos retratos, apresentava teto estucado, de que se destacavam as estrelas douradas, sendo as paredes revestidas com papel de parede cinza e dourado.



Fig. 20 – Sala da música – pormenores decorativos e fotografia de arquivo.



A “sala da esteira”, sala de entrada pelo alpendre a norte, apresentava pavimento e lambrim em esteira rematada por finos elementos em madeira pintada de vermelho, tal como outros madeiramentos da casa como é o caso da escada interior e respetivas guardas, bem como armários comuns do piso superior.

A “sala de jantar” é distinta pela beleza e características próprias da época, pela proporção, relação com o exterior, pelas cores e trabalho decorativo no teto plano estucado.



Fig. 21 – Sala de jantar e cozinha nova – estado atual.

A “sala de estar”, também ela voltada para o jardim anexo à casa, resulta de uma união de dois compartimentos por volta de 1950.

É de salientar o já avançado estado de degradação de todos estes espaços de cuja memória se consegue apenas reavivar por escassos registos fotográficos do início do século XX. Talvez por isso, tenham algum valor, ainda que relativo, as imagens captadas pelo cineasta português António Pedro de Vasconcelos para o filme “Oxalá” (1980), por recordarem ambientes de diferentes espaços da casa, cujo registo tinha escapado ao álbum da família – quartos, cozinha e zonas de circulação, por exemplo.

## A RUÍNA – REGRESSO ÀS ORIGENS?

Neste momento o estado de ruína avança sobre uma casa que recebeu em tempos a vida de uma nobreza que se foi construindo pelo mérito de quem por lá passou, seja pela referência de desenvolvimento regional alcançado, seja pelos cargos que vieram a ocupar – cargos esses de grande responsabilidade e relevância pública: tanto ao nível do ambiente familiar (revelador de uma educação para uma relação próxima que se lê nas cartas trocadas entre pais e filhos e de um cuidado pelo tratamento dos jardins, demonstrado pela preocupação e colaboração de todos os membros da família), como pelo património de uma arquitetura que, não sendo erudita, se apresenta identificada com o lugar e o tempo em que é construída, com sinais que são representativos de uma história que se vai escrevendo uma e outra vez sobre um passado que persiste.

Curiosamente volta hoje a Quinta da Guarita às suas origens: uma casa de lavoura simples, que vive do pouco que a terra agora dá. Sem a capacidade de empreender uma reabilitação, em escala e uso, que lhe devolva o lugar de referência de desenvolvimento regional – não apenas agrícola, mas acima de tudo cultural, político e artístico – torna-se duro olhar a casa classificada de *Imóvel Notável*.

## CONCLUSÃO

As ruínas, com o acúmulo do tempo de abandono, deixam de ser recuperáveis e passam a ser “não-lugares sem memórias”. Para muitos, tais não-lugares passam a não ter sentido e a ser desnecessários, o que legitima o acto destruidor como condenação inevitável<sup>27</sup>.

O património arquitetónico e paisagístico é sempre em si mesmo um documento histórico e por isso mesmo “guardião da memória”, onde é possível reconhecer um lugar habitado pela história, pela memória e pelo tempo. Mas um estudo como este é apenas capaz de “perscrutar” as memórias de um lugar tão rico como o da Casa da Guarita, num movimento empírico de arqueologia da arquitetura, num esforço para limpar o pó das pedras e numa tentativa de restituir a imagem com a força de outrora.

Embora tenha sido ainda possível recolher memórias desta casa quando apenas restam paredes, a Casa da Guarita é hoje uma “ruína silenciosa”. Mas as suas pedras e os que entre elas nasceram, cresceram e viveram documentam uma casa cheia de vida, um lugar cheio de memórias. Longe de ser um “não-lugar”, como tantos outros exemplos em Portugal, perante tanta riqueza patrimonial é inevitável questionar: a partir de quando é que se torna irreversível a recuperação do património? Que ouvidos precisam de ser chamados a escutar o silêncio das ruínas para que as pedras, a natureza e as vidas humanas que por lá passaram sejam uma força do passado que dá forma e enriquece o presente?

Que este estudo sirva para registar e honrar a memória deste “Imóvel Notável” e a partir daqui se possam abrir caminhos para a sua reabilitação.

## BIBLIOGRAFIA

- ASSOCIAÇÃO DOS ARQUITECTOS PORTUGUESES – *Arquitectura popular em Portugal*. Lisboa: AAP, 1980.
- ARAÚJO, Ilídio de – *Arte Paisagista e arte dos jardins em Portugal*. Lisboa: Ministério das Obras Públicas, Direcção Geral dos Serviços de urbanização, Centro de Estudos e Urbanismo, 1962, pp. 217-220.
- AZEREDO, Francisco de – *Casas senhoriais portuguesas: roteiro da viagem de estudos do IBI*. [s.l.]: Internationales Burgen Institut, 1986.
- AZEVEDO, Carlos de – *Solares portugueses: Introdução ao estudo da casa nobre*. Mem-Martins: Livros Horizonte, 1988.
- BACHELARD, Gaston – *A Poética do Espaço*. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1989.
- BRANDÃO, Francisco M. Ponces de Serpa – *A Família Serpa Pimentel e a carreira política e académica de Manuel de Serpa Machado*. Porto: Instituto de Genealogia e Heráldica da Universidade Lusófona do Porto, 2012.
- HERCULANO, Alexandre – *Cenas de um ano da minha vida: Apontamentos de viagem [1853-1854]*. In *Alexandre Herculano, Obras completas*. Amadora: Bertrand, 1973.
- OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando – *Arquitectura tradicional portuguesa (Portugal de perto; 24)*. Lisboa: D. Quixote, 1992.
- SILVA, Gastão de Brito e – *Portugal em ruínas*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2014.

---

<sup>27</sup> Vítor Serrão. In SILVA, Gastão de Brito e – *Portugal em ruínas*, pp. 44-45.

### Fontes manuscritas

Arquivo pessoal de Francisco M. Ponces de Serpa Brandão:

Carta de Maria Bárbara de Serpa Pimentel a seu pai Manuel de Serpa Machado, para Castelo Rodrigo, s/d.

Carta escrita em 1829, da Guarita para Castelo Rodrigo, por Maria Bárbara de Serpa Pimentel, então com 13 anos de idade, a seu pai Manuel de Serpa Machado.

Convenção sobre Partilhas que fizeram os filhos de Bernardo de Serpa Saraiva Castelo-Branco e respetivo documento de observações.

*Beira Alta* (3.05.1901).

### Fontes eletrónicas

<URL: <http://solaresebrasoes.blogspot.pt/2012/05/quinta-da-guarita-ou-solar-serpa.html>> [acedido em 8.11.2014]

<URL: <http://solaresebrasoes.blogspot.pt/2013/02/incendio-na-quinta-da-guarita-santa.html>> [acedido em 8.11.2014]

<URL: <http://viladeanteira.blogspot.pt/search?q=guarita>> [acesso em 14.11.2014]

<URL: [http://www.bdalentejo.net/BDAObra/obras/686/BlocosPDF/bloco02-32\\_41.pdf](http://www.bdalentejo.net/BDAObra/obras/686/BlocosPDF/bloco02-32_41.pdf)> [acesso em 12.11.2014]

<URL: <http://www.cm-santacombadao.pt/documentos/category/83-deliberacoes-regulamento.htmlZ> [05.11.2014]

### Fontes audiovisuais

OXALÁ. Direção: António-Pedro Vasconcelos. 1980 António-Pedro Vasconcelos/Tobis Portuguesa & Filmes Castello Lopes. Dur. aprox. 125 min. VHS. Biblioteca Municipal de Coimbra – VDT PT VAS/A.

### Periódicos

*Beira Alta*. Viseu: Assembleia Distrital de Viseu. LVIII (3-4), 1999.

### Crédito de Imagens

Arquivo pessoal dos autores.

Arquivo pessoal de Francisco M. Ponces de Serpa Brandão.

Software de imagens aéreas – Google Earth. [14.11.2014]

FERROS, Manuel, in <URL: <http://solaresebrasoes.blogspot.pt/2012/05/quinta-da-guarita-ou-solar-serpa.html>>.